

# **PATRIMÔNIO EM FUGA: OS INGLESES MINEIROS NAS MINAS GERAIS**

**Lizandro Melo Franco**

Instituto Metodista Izabela Hendrix de Belo Horizonte

[lizandrofranco@uol.com.br](mailto:lizandrofranco@uol.com.br)

## **RESUMO**

Este artigo examina traços da arquitetura e do urbanismo relacionados à indústria, mais precisamente, à atividade mineradora comandada por investidores ingleses em Minas Gerais durante o século XIX e início do século XX: A partir das referências britânicas contemporâneas ao período abordado aplicadas ao estudo da experiência urbanística e arquitetônica de Morro Velho, procura compreender o contexto da formação de tal patrimônio, advindo da interpenetração de culturas e da hibridização de linguagens, bem como sua relevância sócio-econômica para o Estado e as razões de seu extravio ou aniquilamento.

**Palavras-chave:** preservação, mineração, hibridização

Este artigo busca examinar traços da arquitetura e do urbanismo relacionados à indústria, mais precisamente, à atividade mineradora comandada por investidores ingleses em Minas Gerais no século XIX e início do século XX e entender a efemeridade do patrimônio edificado dela decorrente. Para tanto, ocupa-se de edificações de instalações para extração mineral, siderurgia e apoio. A questão central é revelar o estado da arte de tal legado que, se fugaz quando concebido, continua posto em fuga, agora que não se faz mais útil ao seu propósito inicial.

Os estudos sobre os primórdios da arquitetura industrial em Minas Gerais são ainda incipientes. Ressalte-se a precariedade dos mapeamentos dessa presença inglesa e a conseqüente falta de percepção de seus desdobramentos na arquitetura e urbanismo locais, ao contrário da comprovação dos aspectos sociológicos, nitidamente marcantes e persistentes. Além disso, o apurado nível das arquiteturas civil e, sobretudo, religiosa feitas em território mineiro durante o período colonial levou a imensa maioria das pesquisas e análises críticas e históricas da produção arquitetônica a ter como seu objeto o Barroco.

Presentes no desenvolvimento brasileiro há séculos, os britânicos, por pelo menos 150 anos foram atores importantes no processo de formação, sobretudo tecnológica, de Minas Gerais. De todos os aspectos dessas influências, a atuação dos construtores - na acepção mais ampla do termo - é talvez a mais merecedora de estudo. Nesta categoria, incluem-se o arquiteto (de formação, ou não), o engenheiro civil, o

ferroviário, o engenheiro sanitário, o técnico de fundição ou de fábrica. Não há como falarmos de máquinas, motores, ferramentas, estações e estradas de ferro, em telégrafo, em artigos de aço e de ferro sem pensarmos nos britânicos. Igualmente, a nossa vida mais íntima não seria a que nos acostumamos sem a introdução da louça doméstica, do aparelho sanitário, do uso múltiplo do vapor, do fogão a carvão e depois a gás, das brincadeiras com bicicletas e patins, e, claro, o *football*. Mais que qualquer outro povo, mesmo os que em outras partes deixaram seus filhos, os ingleses estão ligados aos primórdios da modernização das condições materiais de vida do brasileiro, ou seja, das condições de produção, habitação, transporte, iluminação, comunicação, alimentação e lazer.

No século XIX, os empreendimentos britânicos voltados exclusivamente para a mineração foram inexpressivos em outras províncias brasileiras e constituíram um tipo de sociedade singular com uma arquitetura igualmente singular, de origem já miscigenada a partir dos experimentos europeus em outros espaços igualmente tropicais mas de natureza cultural bastante diversa.

Para a análise do passado de qualquer sociedade transcultural e transnacional podemos claramente basear-nos em interpretações ou reinterpretações de influências recebidas dos autores, pesquisadores e pensadores do núcleo europeu. Mas, se deixarmos de fora o fato e o homem comuns, teremos um entendimento superficial por desconsiderarmos que esses são modestos mas potencialmente revolucionários transmissores de valores de uma cultura moderna a uma outra ainda arcaica. O engenheiro de Londres, patrocinado pelo capital excedente, trouxe planos, estratégias e conhecimento tático e científico. O mineiro da Cornualha, ao que parece um dos ingleses mais "humildes" de seu tempo, além de suas ferramentas técnicas certamente trouxe consigo características comportamentais particulares e um modo próprio de atuar sobre as coisas práticas e imprescindíveis da vida.

A presença inglesa em solo mineiro constitui-se, atualmente, do legado da *Saint John Del Rey Mining Company* em Nova Lima (na Região Metropolitana de Belo Horizonte) que rapidamente se esvai e, sobretudo, de reminiscências de empreendimentos abandonados. O rico e abrangente patrimônio de Morro Velho, nas cercanias da Capital, é o foco deste estudo pois, com a desativação da mina de ouro no início do presente século, as instalações têm sido progressivamente retiradas de seu contexto e sucateadas ou, na melhor das hipóteses, abandonadas ou relocadas.

O presente trabalho espera colaborar para execução da urgente tarefa, destacada

pelo arquiteto e teórico Carlos Antonio Leite Brandão, de recuperar e interpretar o papel e o significado das obras no contexto das concepções e ideologias que as cercam. Desta forma, busca-se identificar o sentido da arquitetura nos assentamentos de Morro Velho, advindo do encontro entre o *modus faciendi* local e dos mineradores ingleses. Objetiva ainda apontar influências das tipologias empregadas nas construções erguidas por ingleses nas demais edificações feitas em Minas a partir da chegada daqueles e examinar a relevância da arquitetura "utilitária" no contexto global da arquitetura mineira verificando até que ponto foi essa uma tipologia importada ou se houve uma elaboração ou adaptação local. Buscamos um quadro que tenta retratar um tempo, sua história e, se possível, alguma poesia.

O método seguido para esse entendimento procura combinar o elemento histórico com o atemporal, o componente individual com o coletivo, o técnico com o poético. A partir da tese de que o universal e o particular são aspectos separados de uma só realidade, a compreensão dos elementos componentes desse sistema cultural poderá revelar nuances de idiosincrasia e de função. Fazer o estudo teórico e histórico da arquitetura possibilita a identificação das "...origens arquetípicas, as representações e as concepções mais fundamentais daqueles que a construíram". Desta forma, percebe-se a participação da arquitetura na "história das significações existenciais", transformando-se num signo do homem e do seu tempo. Através de tal estudo pode-se "...perceber no espaço construído o espaço vivido"<sup>1</sup>.

A base deste escrito dá-se através da identificação do contexto histórico, político, econômico e social em que ocorreu o início do processo de industrialização em Minas Gerais, através de pesquisas previamente realizadas. Em consequência, ela desenvolve-se no cruzamento multidisciplinar que abrange a arquitetura e o urbanismo, a história e a arqueologia, a estética e a antropologia, a sociologia e a economia, atentando às aplicações das idéias às técnicas, dentro das condições específicas do tempo e espaço recortados. Para o recenseamento histórico, outras fontes pesquisadas incluem informações verbais, documentais e iconográficas de descendentes dos ingleses de Minas e os relatos de viajantes estrangeiros no século XIX, como Richard Burton, George Gardner, Robert Walsh, Henry Koster, Charles Bunbury e outros. Esses homens foram os primeiros a divulgar e a mostrar, a nós e ao mundo, nossas riquezas e misérias com uma visão de conjunto, abrangente - sobretudo Burton - e décadas antes dos modernistas de São Paulo. Esses visitantes

contribuíram não só para a documentação como para a interpretação da sociedade mineira e, por conseguinte, do que somos hoje. Com esses relatos freqüentemente nos surpreendemos ao reconhecerno-nos naqueles aspectos menos ostensivos de nossa formação, em certos traços de nossas paisagens que herdamos e ajudamos a moldar. O estrangeiro pôde ver de perto o que nós, talvez pela proximidade e passividade, já nem percebemos mais.

A cultura brasileira sempre recebeu, assimilou, adotou, desenvolveu, recriou, enfim abraçou "estrangeirices". Sem essas contribuições não teríamos tido Mauá, Machado de Assis, Santos Dumont, Villa-Lobos, Lucio Costa e outros tantos que assimilaram sugestões externas e deixaram obras marcantes, originais e brasileiras. O estudo da presença da cultura britânica na paisagem e no desenvolvimento da arquitetura mineira deve ser entendido como uma contribuição para a compreensão desse inconstante conjunto de feitos e aquisições e que tenta alavancar outras pesquisas relativas a esse grupo arquitetônico ou a quaisquer outros sombreados pela exuberância barroca. Nesse caminhar, os dados expostos no artigo como um todo poderão colaborar para uma melhor compreensão dessa nossa arquitetura múltipla, bem como das sociedades que lhe forneceram os ingredientes.

Enquanto a Grã-Bretanha vivia o apogeu da Revolução Industrial, a Capitania das Minas Gerais experimentava a decadência do ouro. Na segunda metade do século XVIII, o metal, exaurido, havia promovido a urbanização de partes de seu território e estimulado indiretamente o surgimento de setores produtivos locais. Quase todo o lucro excedente era gasto na importação de gêneros de subsistência ou compra de escravos, em detrimento do aperfeiçoamento técnico e da aquisição de máquinas. Entretanto, da simples manufatura à aplicação de alguma complexidade tecnológica, o desenvolvimento dos processos industriais na colônia foi especialmente significativo na Capitania e deve ser compreendido à luz das relações econômicas com as metrópoles - portuguesa e inglesa.

Juntamente com as atividades de base rural, as manufaturas relacionadas aos metais foram as primeiras a demandar espaços construídos. As forjas eram várias, espalhadas por toda a Capitania, inclusive no Curral del Rei – povoado substituído pela nova capital ao final do século XIX - onde há registros de fundições de ferro e bronze, mas não das construções que as abrigavam. Mais marcantes foram as Casas

---

<sup>1</sup> BRANDÃO. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*, p.28,29.

de Fundição e Moeda criadas pelo governo metropolitano, para conter a evasão da principal receita da colônia. Para elas, todo o ouro extraído deveria ser encaminhado para fundição em barras marcadas com o selo real. Deduzida a quinta parte sob forma de imposto, o metal era devolvido ao proprietário e, só assim, era permitido circular. Somente nessas instituições o dinheiro poderia ser cunhado e, freqüentemente, elas compartilhavam um mesmo edifício com a residência dos intendentés designados para tais funções.

Já em 1719, o governador da Capitania, Conde de Assumar, determinou que fossem erguidas quatro dessas casas nas localidades de Vila Rica, Vila do Sabará, Vila de São João del Rei e Vila do Príncipe. A revolta da população contra esse sistema de cobrança (cujo fato mais notório foi a tragédia de Felipe dos Santos) fez adiar a sua efetiva implantação. A partir de 1725 e nos dez anos que se seguiram, as Casas de Fundição, já assimiladas pelas populações, tornaram-se centros de referência nas principais vilas do ouro e passaram a ser edificadas em localidades cada vez mais distantes, para permitir a agilização do processo de arrecadação das taxas. Após um intervalo de dezesseis anos, quando a cobrança do quinto se deu por meio da “capitação” (imposto fixo per capita dos escravos lotados na mineração), foram estabelecidas novas casas.

É volumosa a documentação existente sobre a rígida fiscalização exercida pelas Casas de Fundição/Moeda/Intendência mas poucos são os registros sobre suas arquiteturas. Segundo a autora Suzy de Mello, a primeira destas construções em Vila Rica já contava com detalhes de arquitetura militar, como uma pequena fortificação apesar de erigida com pau-a-pique. Ocupava o mesmo sítio na praça principal onde, posteriormente, se construiu, com pedra e cal e sob as especificações do engenheiro militar José Fernandes Pinto Alpoim, a Casa dos Governadores. “Constituindo um dos mais significativos exemplos da arquitetura do poder português no setecentos, a grande residência oficial completa e enfatiza o belo cenário barroco da principal vila do ouro.”<sup>2</sup>

Sabará ainda conserva a sua Casa da Intendência e Fundição que, apropriadamente, abriga hoje o Museu do Ouro que expõe peças e instrumental diversificado ligados ao Ciclo do Ouro, como uma prensa para a cunhagem das barras. É uma edificação discreta, ainda que imponente, num contexto de extrema simplicidade e repete, antes de tudo, as soluções arquitetônicas das maiores residências de sua época, com

---

<sup>2</sup> MELLO. *Barroco Mineiro*, p.194-196.

serviços no pavimento térreo e moradia no elevado. Apesar de possíveis incontáveis alterações, o sobrado, implantado como o de Vila Rica em terreno alto, tem estrutura de madeira e paredes mistas em taipa e adobe.

Se considerarmos as forjas e fundições as primeiras experiências fabris nas vilas, no campo são os engenhos as primeiras construções destinadas a um processo de manufatura. Na primeira metade do século XVIII, alguns poucos que se instalaram não constituíram conjuntos expressivos e sua produção era resumida à aguardente e ao melaço de cana, ao fubá e à farinha de mandioca. Se as construções iniciais não sobreviveram devido à precariedade dos materiais e técnicas, eram, no entanto, numerosas e produtivas e o território mineiro é ainda pródigo em remanescentes desse período. A Fazenda do Rio São João, parcialmente preservada em Bom Jesus do Amparo e cuja expressiva arquitetura está bem documentada em inventários e livros, é, provavelmente, o mais relevante testemunho da importância do campo nos processos fabris nas Minas do período colonial. Lá se cultivava o trigo, a mamona e o algodão. Lá mesmo era produzida a farinha e beneficiados a mamona e o coco macaúba nativo para a fabricação de azeite. Do excedente do leite fabricavam-se laticínios. Com o algodão e outras fibras vegetais, fabricavam-se tecidos que eram comercializados em outras regiões. Foi nesta fazenda instalada uma das primeiras forjas hidráulicas de beneficiamento do ferro.

Os fazeres pré-industriais e as tecnologias quase domésticas são importantes na medida em que, habitualmente, conduzem à elaboração de novas formas tecnológicas ou, ao menos, à adequação de tecnologias externas mais elaboradas. Vários desses segmentos desapareceram por não terem sido estimulados. Os países que promoveram as revoluções industriais nos séculos XVIII e XIX partiram de segmentos bastante rudimentares do fazer. Em Minas, o progresso tecnológico ocorreu apenas na atividade mineradora.

Naquela época, nas ilhas britânicas a indústria do vidro era uma das mais produtivas, inclusive pela abundância do carvão utilizado na sua manufatura, e já havia superado todos os seus competidores continentais. O ferro era outro produto inglês carente de escoamento. Em determinado momento, a Inglaterra produzia mais ferro e a preços mais competitivos que seus pares europeus. Os navios ingleses desembarcavam consideráveis quantidades do material nos portos brasileiros e, em contrapartida, levava nossas madeiras de lei, o algodão rústico, o tabaco, os diamantes e pedras brutas, o ouro ... No início, além de máquinas e ferramentas, foi amplamente

empregado nas colunas e arremates de varandas, gradis e portões, caixilhos e, em uma etapa posterior, em estruturas completas pré-fabricadas para edificações as mais variadas, principalmente públicas e industriais. Era o início, no Brasil, do período que alguns chamam de paleotécnico, quando a mística do vidro e do ferro impôs-se às cidades como emblema de uma nova civilização diante da qual só restava aos brasileiros aceitar. Mas, em Minas, o ferro só chegaria, em uma escala expressiva para a arquitetura, algum tempo depois.

Algum tempo depois, em substituição à taipa e métodos semelhantes, que passaram a não ser mais empregados nas cidades, o tijolo de barro, aparente ou rebocado, foi introduzido para a construção das estações ferroviárias mais importantes, dos novos estabelecimentos fabris, dos armazéns e galpões comerciais e industriais. Logo se popularizou por meio do trabalho dos então recentemente imigrados europeus. Ainda hoje temos, nas proximidades de Belo Horizonte, mais precisamente em Rio Acima, uma fábrica de tijolos, telhas, lajotas e outros materiais cerâmicos cujos proprietários são descendentes de ingleses.

Nesse período, a base manufatureira que surgira na Colônia fora drasticamente reduzida por tratados comerciais assinados com a Inglaterra. Além da maciça exportação de produtos variados para o Brasil, primeiro compulsoriamente por intermédio de Portugal e, posteriormente, diretamente para a Colônia devido à abertura dos portos, esses novos colonizadores iniciaram a exploração de minerais visando atender suas demandas internas de ouro e, posteriormente, de produção de ferro. Antes, porém, o engenheiro alemão, barão de Eschwege, chamado por D. João VI para orientar as técnicas avançadas de extração mineral, chegara a Minas, tendo iniciado, em Congonhas do Campo, os trabalhos de construção de uma fábrica de ferro denominada "Patriótica" que, imediatamente, passou a produzir em escala industrial. Em 1815, o ferro gusa começou a ser produzido no Brasil na fábrica de Morro do Pilar, construída pelo Intendente Câmara. Doze anos depois, o engenheiro de minas Jean Monlevade estabeleceu importante fábrica de ferro no distrito de São Miguel do Piracicaba.

Os anos que se seguiram à independência política do país ficaram marcados por empreendimentos britânicos. Em Minas, foram inicialmente instaladas seis companhias de capital e tecnologia ingleses. Em 1824, a primeira, mais organizada e emblemática, a *Imperial Brazilian Mining Association* de Gongo Soco. Seis anos depois, a *Saint John d'El Rey Mining Company* instalou-se em São João d'El Rei e

depois se transferiu para Morro Velho, no atual município de Nova Lima na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Na primeira década da transposição de britânicos para a região das Minas, outros quatro empreendimentos foram implementados. Nas quatro últimas décadas do século XIX, uma segunda geração de companhias inglesas contou com uma dezena de iniciativas. Os primeiros anos do seguinte século ainda viram a implementação de pelo menos mais quatro empreendimentos britânicos para a extração aurífera e dois para a lavra de minério de ferro. Porém, uma boa parcela dessas empresas era constituída com o único propósito de lançamento de ações na bolsa de valores de Londres e conseqüente especulação, mais do que propriamente a exploração de ouro. Todas essas empresas geraram possíveis complexos arquitetônicos que merecem ser pesquisados, como o alto-forno de Esperança em Itabirito, uma das primeiras siderúrgicas a funcionar no País, obra do metalurgista Gerspader que também construiu outro, em Miguel Burnier.

Não só para a exploração mineral e siderurgia os capitais ingleses eram direcionados. Promoveram também a implementação de uma infra-estrutura de transportes ferroviários para ligação dos portos com os mercados do interior centro-sul brasileiro. Como resultado, uma nova atividade surge com a entrada de capital inglês - o setor de serviços foi uma exclusividade britânica até a Primeira Guerra Mundial. A partir de 1860, instalaram-se bancos ingleses que subsidiaram seus investimentos. A iluminação a gás e o transporte público por bondes foram introduzidos. Máquinas e técnicos e as mais recentes tecnologias construtivas trazidos da matriz contribuíram, junto com os novos costumes importados, para a mudança das feições das principais cidades brasileiras. Na cidade de São Paulo, bairros inteiros com ruas mais largas e casarões entre amplos jardins europeizados foram concebidos por arquitetos e urbanistas ingleses que, em menor escala, atuaram também em Juiz de Fora.

Em termos espaciais, o novo elemento de alvenaria - tijolo - possibilitou a criação de ambientes mais amplos ao ser empregado junto às estruturas metálicas. O ferro se mostrou mais adequado que a madeira para as estruturas de sustentação das coberturas por permitir maiores vãos livres e ser mais resistente ao fogo e às altas temperaturas das máquinas a vapor. Esta tipologia perdurou por muitas décadas e foi empregada, também em Belo Horizonte, apesar de, aí, serem mais usuais as alvenarias rebocadas e coberturas de telhas cerâmicas apoiadas em robustas estruturas de madeira.

A passagem do século XIX para o XX assistiu o efetivo início do processo de



industrialização de Minas, sem contudo gerar, de imediato, uma sociedade mais moderna. A arquitetura, como uma das vertentes desse caminho indeciso, bem ou mal, representou esse momento histórico.

Antes, o aparecimento e aprimoramento das máquinas havia gerado na Inglaterra uma difusa, porém profícua busca de novas "invenções". Na origem dessa procura, não se encontrava tão somente a ambição material ou de projeção pessoal, visto que ela era parte de todos os segmentos sociais, profissionais e políticos. Até meados do século seguinte, a mecanização já havia abarcado inúmeros campos da produção e mesmo alterado o cotidiano humano, mas não estava presente na arquitetura oficial. São as experiências urbanísticas e as estruturas mais simples, "utilitárias", que deram a esse período seu caráter especial; que possibilitaram a aplicação dos feitos que viriam a trazer cada vez mais novas possibilidades na ilha, no continente e, sobretudo, nas suas então recém libertas colônias da América do Norte. Enquanto isso, o Império Britânico expandia-se para o Oriente e o Sul.

No distrito aurífero de Nova Lima, antigo arraial de Congonhas de Sabará, ao noroeste do Quadrilátero Ferrífero e a sudeste de Belo Horizonte estão as minas de Morro Velho, as que por maior tempo se mantiveram em funcionamento em todo o Estado de Minas Gerais. As explorações iniciais na região datam provavelmente dos primeiros anos do século XVIII, quando os afloramentos mineralizadores foram descobertos por bandeirantes paulistas. Até o começo do século XIX, a jazida pertencia à família de um padre de nome Freitas que, por quase duas décadas, conduziu trabalhos rudimentares num talho a céu aberto no alto da montanha. Apesar da produção relativamente pequena, esse padre Freitas teria se enriquecido a ponto de se retirar da vida ativa e, em 1830, vender as lavras ao capitão George Francis Lyon, antigo superintendente de Gongo Soco. Nessa época, a propriedade já contava com uma importante edificação - a Casa Grande - o amplo solar que servira de residência à família Freitas.

Na mesma época (5 de abril de 1830), em Londres, cinco investidores se reuniram para organizar uma companhia a partir de um contrato de arrendamento por até 25 anos de duas minas próximas a São João Del Rei e São José Del Rei (atual Tiradentes) que eram, então, como tantas outras, propriedade de outros três investidores britânicos, além de um alemão. Em agosto do mesmo ano as atividades foram iniciadas mas, em meados de 1832, após fracassos sucessivos, a *Saint John D'el Rey Mining Company* suspendeu as explorações nessa área e decidiu procurar outras minas na Província de Minas Gerais. Em 1834, adquiriu a mina de Morro Velho

de um grupo de ex-empregados do Gongo Soco, tendo a frente o capitão Lyon, que a transferiu com todos os seus bens, incluindo escravos, rebanho, minério bruto, ferramentas e maquinário, armazéns e outras edificações. Quando foi adquirida pela *Saint John*, consistia em três lavras (Baú, Quebra Panela e Cachoeira).

Em 1817, o francês Auguste de Saint-Hilaire, de passagem pelo povoado, escreveu em seu relato de viagem: "Congonhas deve sua fundação a mineradores atraídos pelo ouro que se encontrava nos arredores, e sua história é a de tantos outros povoados. O precioso metal se esgotou; os trabalhos se tornaram mais difíceis e Congonhas mostra atualmente apenas a decadência e o abandono."

Nenhum planejamento, nenhuma ação política. Como tantas outras vilas mineiras, geologia e sorte definiram a criação de Nova Lima. O ouro deu a essa cidade vida e moldou sua história, da qual os ingleses da *Saint John* são os principais atores. Fomentado pela tecnologia britânica e a mão de obra escrava, esse foi um dos principais centros industriais brasileiros no século XIX, tanto em recursos econômicos gerados quanto em população trabalhadora envolvida.

Ao chegarem, no início da década de 1830, Congonhas ainda não era um distrito de Sabará e tinha pouco mais de mil moradores, três igrejas em estado de abandono, três armazéns e uma farmácia e nenhuma instituição de ensino ou hotel. Sessenta anos depois, a população do distrito, já desmembrado, era de quatorze mil habitantes, maior que a de Sabará, e contava com inúmeros estabelecimentos comerciais, dois hospitais e uma escola pública. A emancipação política veio com a República e a influência de seus filhos Bernardino e Augusto de Lima cuja família habitava a área desde o século XVIII. O município criado em fevereiro de 1891 passou a chamar-se Villa Nova de Lima, abreviado para Nova Lima em 1923.

Meio século após Saint-Hilaire, Richard Burton descreveu a "sonolenta" mas "toleravelmente bem tratada" vila:

**A praça principal tem algumas casas de dois pavimentos e enfeitadas, e os dignatários da localidade trataram de assegurar a presença de uma necessidade da vida municipal brasileira, o teatro, decrépito, embora tenha apenas quinze anos. A Matriz ...tem uma fachada de três janelas e um frontão coroadado por uma cruz; as torres apresentam telhados suíços, virados nos cantos, à moda chinesa de Macau; possivelmente é uma derivação inconsciente da imagem adorada pelos pagãos de Pomeco e Tlascalla... O comércio floresce em vinte estabelecimentos, inclusive um laboratório e algumas farmácias...**

No sobe e desce das ladeiras, Burton refere-se ao Hotel Congonhense, à Igreja do

Rosário, armazéns, o presbitério do Rev. Armstrong ("branco e limpo como o seu colarinho. As lindas janelas ogivais muito estreitas e uma cruz ultra original fazem a capela destacar-se entre as vilas esparsas e fileiras de casas.") Em uma pequena colina "passamos por um bonito bangalô anglo-indiano, onde mora Mr. James Smyth, superintendente dos negros.....Mais além, fica o amplo Hospital novo e as residências dos médicos Dr. M'Intyre e Weir. ....Para lá, ainda, fica a capela católica, uma profusão de cruzeiros: cruzeiros fora, cruzeiros dentro, cruzeiros no ar - até as janelas são cruzeiros."

Concluindo seu passeio inaugural pela "velha e modorrenta povoação" (Congonhas de Sabará) e as intervenções da companhia inglesa, Burton relatou :

**O cenário feriu meus olhos não familiarizados com uma mistura de Petrópolis brasileiro e de Neilgherry de Ootacamund; há algo de inglês nas casas muito bem cuidadas, tendo em frente canteiros de flores cercados de grades e um regato escuro em leito de ardósia; com um sabor de Suíça na claridade do ar e nos caminhos amarelados em ambas as margens do vale do ribeirão. Seria possível que estivéssemos a tão pequena distância da Grande Mina? Onde estavam as feições habituais, a fumaça venenosa, a vegetação de um "verde ferruginoso"? Tudo em torno de nós ostentava uma verdura variada, aqui uma fila de aloés, como a babosa, cujas folhas verdes e amarelas lhe deram, no Brasil, o título de "árvore-da-independência". Vimos ali um cedro, único sobrevivente da antiga e nobre raça, mostrando que aquele vale era coberto, outrora, como o resto da região, pela mata virgem. As esplêndidas trombetas brancas da *Datura*, vulgarmente chamada trombeteira, erguem-se de massas de verdura, com quatro metros de altura; o uso fatal de sua semente, tão comum na Índia, onde há uma casta de envenenadores profissionais chamados "Dhaturiyah", aqui pertence aos negros.**

**As Melastomáceas de diversas espécies variam em tamanho, do pequeno arbusto à árvore elevada; a flor-da-quaresma é bela em sua floração de branco, cor-de-rosa e lilás escuro, e as brácteas cor de malva de buganvília brasileira, aqui de estatura pouco comum, são realçadas pela *Fúcsia* silvestre, brilhante com flores do mais rico escarlate, enquanto as plantinhas humildes da Inglaterra colaboram para o encanto e esplendor dos trópicos.**

Outro visitante, um americano nascido em 1952, o historiador e professor da *Vanderbilt University* Marshall Craig Eakin , publicou, em 1989, aquela que é tida como a primeira publicação em forma de livro sobre um empreendimento inglês no Brasil. Trata-se de sua tese de doutorado, um longo estudo pesquisado in loco e nos mais diversos arquivos, intitulado *British Enterprise in Brazil - The St. John d'el Rey Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960*. A criação e instalação da companhia, as conquistas e os percalços e a sua transferência para outros estrangeiros já haviam colaborado com todos os ingredientes a ela pertinentes para moldar Nova Lima. A cidade foi visitada por ele em 1979-80 e 1985. Sua visão é, pois, mais atual e abrangente, mas não menos isenta de revelações, admirações e perplexidades. Seu capítulo sobre a comunidade "morrovelhense" (*Part II The*

*Community*) é particularmente instigante e contribuiu, tanto quanto os relatos de Burton, para as observações e considerações que prosseguem. Apenas devemos nos lembrar que um e outro são estrangeiros tratando de estrangeiros numa terra estrangeira.

Mesmo não sendo uma *company town* no estrito senso do termo, totalmente erguida e controlada pelo poder industrial local, Nova Lima se desenvolveu como um resultado do crescimento e dos investimentos de 130 anos da *St. John d'el Rey*. Principalmente a partir do século XX, a companhia atuou junto à comunidade novalimense na organização de diversos setores de infra-estrutura urbana como o fornecimento de energia elétrica e o transporte civil pela linha ferroviária que construiu. O abastecimento de água à população em geral era garantido por chafarizes e tanques coletivos para lavar roupas, com um serviço permanente de vigilância para que tais fontes não fossem sujas. O suprimento de alimentos era estendido à comunidade pois a companhia mantinha, sob sua responsabilidade, sítios para cultivo de frutas e legumes, produção de leite e carnes, fabricação de queijos, manteigas e linguiças. Outro fator de aproximação com os habitantes locais foi o apoio dado pela *St. John* ao time de futebol da cidade, o Vila Nova Atlético Clube, com a doação de um terreno para construção de seu estádio.

O Morro Velho é assim chamado por ser o lugar explorado pela primeira vez. Antes do efetivo início da extração do ouro, os ingleses da *St. John* preocuparam-se, durante os primeiros sete anos, em prover a mina de instalações, equipamentos e força de trabalho adequados à sua exploração racional. Os prédios foram reparados, poços e galerias aprofundados, uma via férrea subterrânea para o transporte do minério até a superfície construída e um sistema de barragens e canaletas visando ao fornecimento de força hidráulica aos 27 engenhos de pilões e às bombas d'água introduzido. Essas e outras obras de adequação aos padrões britânicos consumiram boa parte do capital inicial da empresa e empregaram cerca de 400 trabalhadores, a maioria escrava. Só a partir de 1842, a *St. John* recuperou os investimentos feitos apesar dos vários acidentes ocorridos na mina entre 1857 e 1867.

Visitando as instalações em 1867, Richard Burton nos conta que:

**Situado em um espaço pequeno, superlotado, o núcleo da mineração fica na encosta ocidental do vale; ali estão as enormes rodas hidráulicas; os compridos e escuros barracões, com o chão coberto de minério cinzento; casas de máquinas e pequenas construções em forma de quiosque, caiadas de branco, onde ficam os homens encarregados das manobras, que controlam, sentados, a velocidade da tração, com instrumentos manuais. Não há, porém, um forno siderúrgico soprando, de dia, uma**

fumaça fuliginosa e soltando vivas chamas à noite; as árvores não estão envenenadas e não se sente nos lábios o gosto de produtos químicos. O bater compassado dos pilões não é desagradável aos ouvidos, durante o dia, e, nas horas mortas da noite, o ruído das rodas hidráulicas nos faz lembrar as vagas de outono, indo e vindo na praia de Scheveringen.

Outras instalações são registradas por ele, tais como uma ferraria, oficina de trituração, paiol e os escritórios da mina. Além dessas ".

**Uma grande casa caiada de branco é a cozinha dos negros; .... Uma pequena ponte (Ponte da Casa de Amalgamação) atravessa para a margem meridional, onde está a Casa de Amalgamação; uma ladeira pedregosa leva às coqueiras, bem mais no alto, e, a 20-22 metros da grande elevação, fica a Casa Grande. O morro atrás da mesma é ocupado pelo depósito da companhia.**

A construção mais importante de apoio às atividades de extração não é, originalmente, inglesa. O grande solar que servira de residência ao Padre Freitas, construído no século XVIII, fora repassado à *St. John d'El Rey* pelos herdeiros do Capitão Lyon, de Gongo Soco. A companhia preservou e ampliou a residência para ocupá-la com a administração. Sobre a Casa Grande, Burton informa :

**Nela fica a sede da superintendência, e é pintada com o amarelo oficial, ornada com uma parreira e tendo em frente uma varanda, construída para receber Sua Majestade Imperial. Para oeste e em ângulo reto com a Casa Grande, fica o Sobrado, onde se acomodam os hóspedes..... Esse anexo hospitaleiro existe em todos os velhos estabelecimentos do Brasil, e, nas cidades do interior, mesmo agora, ninguém vai morar em uma casa que careça de acomodações separadas, onde estranhos e amigos possam ser recebidos...A única parte bonita da Casa Grande é o lado de fora. Seu terreiro é um grande espaço plano com passeios cobertos de bom saibro e tentativas de gramado — um gramado anglo-brasileiro - A orla desse gramado que dá para o norte, e se coloca a cavaleiro do ribeirão, é adornada com laranjeiras, limeiras e uma flor-de-papagaio sempre viçosa. Para leste, ficam aterros, outrora depósitos de lixo, agora verdejantes com cafeeiros e bananeiras. Atrás, em uma depressão profunda, regada por um córrego, fica o jardim. Na parte superior há árvores e flores estrangeiras, aqui vítimas de duas pragas...**

Em 1881, para receber a visita da comitiva do Imperador Dom Pedro II, a edificação foi ampliada com a inserção de uma varanda, conforme relato acima. Como em outras edificações existentes e pelos ingleses apropriadas, notamos que eles não ousavam investir contra todos os elementos mineiros, portugueses ou mouriscos encontrados. Antes, como já haviam feito com a Casa Grande de Gongo Soco e outros velhos casarões isolados, eles os adaptaram aos seus gostos. E, certamente, sabiam reconhecer as qualidades inerentes às edificações com grandes telhados e, eventualmente, espaçosas varandas. Junto com as fórmulas trazidas da matriz londrina, essas residências adaptadas foram o ponto de partida para a escolha de terrenos mais adequados e edifícios mais inteligentes. Atualmente, a Casa Grande

abriga os hóspedes da empresa e o bem instalado Centro de Memória da Mineração Morro velho.

Em novembro de 1867, alguns meses depois da estada de Burton, um incêndio de grandes proporções provocou o desabamento de quase toda a estrutura da mina da Cachoeira, soterrando vários operários. O prejuízo resultante do sinistro foi responsável pela dispensa de trabalhadores e a primeira crise econômica de Congonhas do Sabará após a chegada dos ingleses. Nos seis anos seguintes, a companhia investiu na recuperação das instalações mas uma nova crise atingiu a companhia no início da década de 1880, até a chegada de um novo superintendente, um inglês de 28 anos, o engenheiro George Chalmers.

A "Era Chalmers" durou de 1884 a 1924 e caracterizou-se como um período de expansão e grandes transformações. Quando veio a Primeira Grande Guerra, Morro Velho tinha a mina mais profunda do mundo, chegando a quase dois quilômetros abaixo da superfície. Chalmers criou uma usina de refrigeração, um sistema pioneiro para sanar o calor insuportável e a falta de aeração nos túneis. Ele também construiu novas instalações para os ferreiros, mecânicos e eletricitas ao redor do engenho, também ampliado, além de uma nova usina de amalgamação, uma olaria própria para fabricação de tijolos e uma serraria. Ao final da Guerra, um escritório anexo de dois pavimentos foi construído próximo à Casa Grande.

Ao sul de Nova Lima, o superintendente Chalmers adquiriu uma grande área para implementar o Grupo Hidrelétrico do Rio do Peixe, aproveitando as águas desse rio e dos lagos represados do Miguelão, Codorna e Lagoa Grande, hoje mais conhecida como "Lagoa dos Ingleses". Esse sistema dispunha de seis usinas geradoras inauguradas entre 1904 e 1933. Nas margens da Lagoa Grande, foi edificada uma grande casa, hoje pertencente ao Condomínio Alphaville que funcionou como administração do complexo e, mais tarde, residência de campo de funcionários mais graduados. Em 1911, foi iniciada a construção de uma pequena estrada de ferro eletrificada para a ligação de mina com a estação de Raposos da Estrada de Ferro Central.

Com a crescente ampliação de atividades, a companhia foi a principal operadora das mudanças ocorridas na ecologia urbana de Nova Lima. Na segunda metade do século XIX, vários bairros surgiram ao longo das estradas que se partiam da praça central, da Matriz. As áreas mais densamente povoadas ficavam ao norte, para os lados da Igreja do Rosário e a caminho do Morro Velho, e ao sul, em volta das ruínas da Capela do

Bonfim. Para noroeste da praça, a Rua do Piolho (atual Bias Fortes), passando pela íngreme encosta do Rosário, chegava a terrenos da Morro Velho. Daí partia para Sabará e, mais tarde, se tornaria a principal ligação com Belo Horizonte. Dois ribeirões - Cardoso e Cristais - conformam duas bacias sendo a segunda mais ocupada.

De certa forma, o divisor dessas duas bacias separou os ingleses dos brasileiros. Para o oeste da Casa Grande, no Bairro do Retiro e, mais além, na colina que passou a ser conhecida como Quintas, morava a comunidade britânica. Poucos brasileiros habitavam essa área. Como em todos os assentamentos coloniais britânicos espalhados pelo mundo naquele período, a companhia se empenhava em isolar os ingleses dos "nativos". Abertamente, administradores e trabalhadores anglo-saxões se posicionavam como uma casta superior e seu pequeno assentamento urbano como um enclave civilizado em uma região atrasada. Com poucas exceções, alguns casamentos com mulheres da elite local, os mestiços brasileiros eram vistos como contemptíveis. Por um longo período, na tentativa de diminuir a confraternização com os nativos, aos trabalhadores britânicos era concedido um passe formal para deslocamento até a village, termo com o qual se referiam à Villa Nova de Lima.

Como em todos os aspectos da economia de Congonhas de Sabará, a companhia, desde a sua instalação em Morro Velho, dominou a construção civil, estabelecendo padrões para habitações e desenvolvimento urbano. As primeiras casas destinavam-se, obviamente, aos empregados ingleses. Para assentar os escravos, foi escolhida a encosta ocidental do Morro Velho, numa área conhecida como Boa Vista ou, anteriormente, Timbuctú. Os homens solteiros viviam juntos em cômodos de até 20 pessoas, enquanto pares casados tinham casa própria. Para as escravas solteiras, havia uma edificação separada, localmente conhecida como "convento".

Enquanto a oferta de escravos começava a escassear, crescia a contratação de mão de obra livre. A *St. John* iniciou a construção de casas para esses operários ainda na década de 1840 e sempre manteve a política da habitação de baixa renda como fator de atração e manutenção de novos empregados. A partir de técnicas universalmente empregadas e localmente conhecidas, a companhia ergueu estruturas de madeira suspensas do solo, vedadas com paredes de adobe e telhados cerâmicos. Cada unidade era composta de 12 cômodos para duas pessoas cada.

No caminho da Casa Grande para o Retiro, ficavam, ao tempo de Burton, os alojamentos dos médicos, do capelão católico, do almoxarife-auxiliar e dos feitores encarregados da mina. Aí também ficavam as casas ocupadas pelos funcionários que,

segundo o viajante , eram

**...confortáveis, com amplas varandas e outras peças semelhantes, comuns nos trópicos. A situação, porém, é insalubre; o alto Morro Velho em frente, o beco sem saída a oeste e os elevados morros ao norte e ao sul devem impedir a circulação do ar. A localidade, situada na depressão, tem um clima inverso ao de um clima saudável: o sol queima de dia, as noites esfriam de repente e, como se queixam os que viajam nas regiões montanhosas do Brasil, as quatro estações da Europa se sucedem no espaço de vinte e quatro horas. A sede da companhia e as casas dos funcionários podem facilmente ser removidas para um lugar mais alto; por exemplo, a um nível um pouco superior ao do depósito da Companhia. Muitos, sem dúvida, achariam o local excessivamente distante de seu trabalho, mas penso que isso é uma vantagem.**

Apesar da superintendência ter permanecido na Casa Grande, as sugestões do estrangeiro para as habitações parecem ter sido acatadas pois o avanço para as Quintas, de situação mais propícia, se deu em seguida. Quanto à aldeia do Retiro, Burton escreveu :

**Ali se erguem, em filas sucessivas, casas de aspecto brasileiro, tendo na frente canteiros de flores e verduras. São as casas dos mineiros ingleses e suas famílias. O aluguel varia de 0\$500 a 1 \$500 por mês. Outras casas ficam em Mingu, atrás do hospital; três famílias (agosto de 1867) moram perto do Portão da Praia, e algumas perto de Congonhas. A Companhia construiu, além de Retiro, casas para os mineiros brasileiros e alemães, mas as acomodações residenciais são, geralmente, más, e podem ser melhoradas, sem grandes despesas e com muita vantagem.**

A posterior opção de moradia em Nova Lima corrobora a tese de que os ingleses sabiam escolher os melhores e mais saudáveis sítios para a edificação de suas residências. Como em outros pontos, provavelmente também em Gongo Soco com relação à mina, foram os primeiros a avistar e reconhecer as qualidades dos arredores das vilas, cheios de matas ou de uma outra natureza igualmente exótica. Antes dos britânicos, a tipologia dominante nas vilas era a dos sobrados ou casas térreas agregadas construídas no alinhamento das ruas, com suas gelosias de origem moura, sem vidros, sem jardins ou árvores, a não ser nos quintais e sem qualquer intenção paisagística. Mesmo as residências em áreas rurais eram construídas como se fossem urbanas, no alinhamento das estradas ou caminhos para um melhor aproveitamento da "passagem" ou seja, apreciar o povo passando pelo caminho. Ao se deslocarem para os "arrabaldes", eles começaram a prática das residências isoladas, em meio à natureza domesticada; prática essa completamente diversa da precedente - fosse ela lusitana-brasileira ou paulista-mineira.

Um outro fator preponderante para a alteração dos programas encontrados aqui foi o que o reverendo Robert Walsh já havia observado com relação a alguns lares



visitados, a "falta de atenção pelo asseio e pelo conforto, característica dos portugueses em suas cidades". Os hábitos britânicos de conforto e de higiene doméstica ajudaram a abolir as alcovas do centro das casas. Os lares das famílias de maior prestígio na hierarquia local anteciparam o emprego do *hall*, do *water closet* e da despensa de gêneros. Ao menos os dois primeiros ambientes se incorporaram, mais tarde, à toda arquitetura doméstica dos mineiros. Salientamos que, mesmo ao adaptar construções pré-existentes adequando-as às suas necessidades e seu *way of life*, os ingleses raramente desfiguraram a arquitetura encontrada. Basta ver as engenhosas esquadrias criadas para compor varandas e corredores tão empregadas em Nova Lima, em casas de fazenda, como a da Jaguará em Matozinhos e em praticamente todos os locais tocados pelos empreendimentos anglo-saxões.

A *St. John* construiu dois tipos de habitações para funcionários: casas e dormitórios de vários quartos. Na entrada do século XX, a típica residência da companhia ocupada por trabalhadores brasileiros tinha quatro cômodos com dimensões aproximadas de 3,35m x 3,35m cada. As paredes eram em tijolos de adobe seco ao sol, o telhado cerâmico e as janelas sem vidro, apenas vedações de madeira. O piso era em tabuado elevado 0,4m acima do solo e as casas geralmente tinham uma pequena cozinha com um fogão a lenha. Algumas tinham instalações sanitárias acopladas. O custo unitário era 65% do total necessário para construção de uma casa para um funcionário inglês de similar hierarquia.

Na década de 1920, houve um tremendo esforço por parte da companhia para atrair mão de obra em maior número e qualidade. Um planejamento habitacional foi posto em prática dobrando o tamanho (embora mantendo um único pavimento) e a quantidade das unidades residenciais até então construídas. Pouco antes, durante a Primeira Grande Guerra, a companhia implementou um sistema inicialmente gratuito de iluminação pública com luz elétrica. As novas casas dispunham de energia elétrica e água encanada que, por contrato com o poder municipal, foram logo instalados em outras partes da cidade. Nas três décadas seguintes, 75% das residências urbanas dispunha destes serviços, um índice bem acima do restante do Estado. Contudo, poucas tinham refrigeradores e fogões a gás e nenhuma telefone. Após esse período, o empreendimento entrou em declínio e a companhia foi vendida para norte-americanos.

Embora nunca tenha havido barreiras físicas entre a "colônia inglesa", como eram chamados pelos brasileiros, e a *village*, ambas eram entidades apartadas. Após a

consolidação da comunidade, em meados do século XIX, a companhia construiu e dirigiu uma pequena escola de ensino elementar para as crianças nascidas na Grã-Bretanha ou filhas de trabalhadores provenientes da ilha. A religião protestante praticada pelos mesmos foi outro fator dessa distinção sociocultural. Nos primeiros anos, os cultos eram feitos na Casa Grande mas, nos anos de 1840, foi construída uma pequena capela e, na década seguinte, outra maior. Um cemitério próprio complementava a prática anglicana.

Talvez mais do que a religião, o clube esportivo foi a instituição social por excelência da comunidade britânica. Os esportes - lutas, corridas e testes de força - eram praticados e incentivados desde a implantação do empreendimento. A construção de um *club* completo com *football*, *cricket*, *tennis* e *swimming pool* (piscina) na virada do século XX acirrou as diferenças pois o mesmo só excepcionalmente se abria para (ilustres) convidados brasileiros. Esses logo construíram seu próprio clube manifestando o seu descontentamento com a limitada condescendência cultural dos estrangeiros.

Como em outros segmentos da vida nessa pequena parte dos trópicos influenciada por uma comunidade britânica, a habitação e os padrões construtivos refletem a dualidade da sociedade local. As residências para funcionários e operários brasileiros eram mais simples, mais despojadas de "ornamentos", entendidos aqui não como adorno ou floreio e sim como qualquer acréscimo que tirasse do objeto a conotação espartana inerente às construções de caráter utilitário. As casas, como de resto todas as edificações, eram construídas segundo padrões mais ou menos preestabelecidos na matriz londrina e foram empregadas pelo mundo afora, nas colônias formais e também nas informais. Informações verbais dão conta que na Índia encontram-se construções deixadas pelos antigos colonizadores bastante semelhantes às de Nova Lima e algumas espalhadas pela Zona da Mata mineira, sobretudo àquelas ligadas às instalações ferroviárias. Apenas as cores seriam diferentes, mais vivas certamente que o fundo branco (ou quase) com elementos em madeira (geralmente esquadrias) azuis mantidos até o presente.

Mas as residências para os ingleses não eram muito diferentes. Maiores, por certo, pensadas em pés e não em metros, compostas segundo compêndios trazidos da matriz, porém construídas com mão de obra e materiais locais. O tijolo tão característico da cultura arquitetônica inglesa não seria empregado até o final do século XIX e, mesmo assim, só seria deixado aparente nas construções

decididamente utilitárias. Apesar das importações da Inglaterra usuais no período, o vidro também só seria empregado mais tarde e, inicialmente, somente nas casas dos estrangeiros que, a esse tempo, além dos primeiros, eram irlandeses, escoceses, germânicos, norte-americanos e sul-africanos. Como disse Burton, lembrando-se das cottages (residências pequenas de um único pavimento geralmente no campo) de sua terra natal, "há algo de inglês nas casas muito bem cuidadas, tendo em frente canteiros de flores cercados de grades" o que contribui para aquilo que, no meu entender, deu a essa arquitetura características britânicas: esses pequenos "ornamentos" e, sobretudo, a forma de apropriação e ocupação e o *way of life* de seus residentes. Contrapondo-se ao modo de vida "nativo" e dele se isolando, criou-se na população comum uma imagem mista de admiração e dissimilitude. O olhar nativo expressa, então, a constante dificuldade do homem em se reconhecer nos objetos e nos outros - passa a ser como aquele mais inerente ao estrangeiro, tornando tudo mais simbólico, mais mitológico.

Considerando que toda prática social tem sua dimensão simbólica, reitera-se a afirmação do autor Boaventura de Sousa Santos de que as identidades culturais não são rígidas nem imutáveis, mas resultado de processos de identificação. Estas se formam a partir de negociações de sentido, de embates temporais originando processos de transformação e sucessivas configurações hermenêuticas, que, de tempos em tempos, dão um novo sentido à identidade. Ao associar identidade com identificações em curso, ele destaca a natureza plural e a obsessão pela diferença e pela hierarquia das distinções. "Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição do outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação". Sobre esta condição, Santos destaca que os europeus raramente se perguntam sobre sua identidade, mas que africanos e latino-americanos que para lá se mudam, se sentem forçados a suscitar a questão porque são originários de países vistos como meros fornecedores de matérias-primas.

Em Minas Gerais, através do trabalho de pesquisa aqui apresentado, nos sentimos forçados a perguntar pela identidade cultural forjada a partir do embate entre duas culturas distintas, uma economicamente superior à outra e por isso mesmo, aparentemente hegemônica em vários aspectos, tais como o planejamento das vilas, a ocupação dos espaços residenciais e do trabalho, entre outros. Ao buscar esta identidade, misturamos o próprio e o alheio, o indivíduo e o coletivo, o passado e a modernidade. Procuramos presentificar o outro, conhecer a posição hegemônica e a

partir daí verificar se houve uma apropriação seletiva e transformadora por parte dos mineiros em relação à influência exercida pelos ingleses.

Como em outras minerações de ouro, a própria natureza da atividade ali desenvolvida - extrativista, impiedosa e atemporal - se incumbiu de apagar muitos testemunhos desse que foi o primeiro grande empreendimento industrial em Minas Gerais. Uma das edificações maiores e mais relevantes do ponto de vista arquitetônico teve suas alvenarias de tijolos literalmente trituradas para que se recolhesse dali uma porção de ouro em pó, acumulada em décadas de exploração e processamento. Como o ouro, o patrimônio material desse complexo se esvai rapidamente por falta de uma proposta de salvaguarda eficiente que, se não efetiva, poderia ser, ao menos, legal, através de um tombamento federal visto que a relevância deste complexo não é apenas para os mineiros mas para todo o país.

A seguir, são apresentadas algumas imagens de partes deste vasto acervo - notadamente de tipologia utilitária - em crescente risco de perda:



1 - Pormenor da planta da área da antiga Saint John d'el Rey Mining Co., Ltd. em 1886 Fonte - Mineração Morro Velho - acervo fotográfico



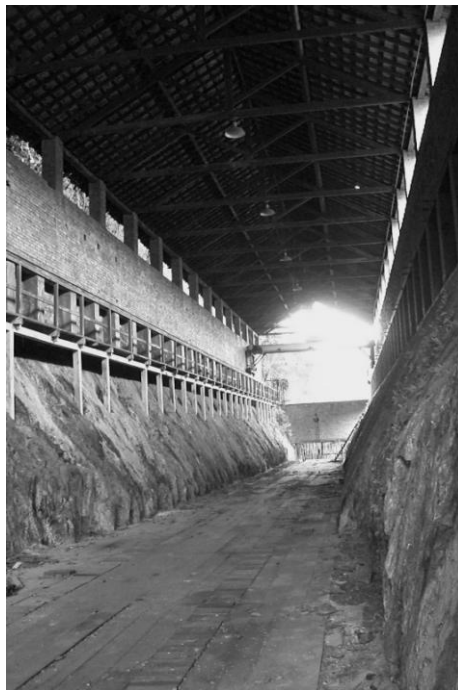
2 - Planta geral no início do século XXI (antes da demolição dos galpões “Ferrox”). Fonte – Anglogold Ashanti - arquivo



3 - Galpão conhecido como “Elétrica” em 2007. Fonte – Lizandro Melo Franco – acervo pessoal



4 - Galpão dos Compressores em 2007. Fonte – Lizandro Melo Franco – acervo pessoal



5 - Construção destinada a depósito e processamento de carvão em 2007. Fonte – Lizandro Melo Franco – acervo pessoal.



6 - Estrutura de shaft – uma das várias ainda existentes no complexo em 2007. Fonte – Lizandro Melo Franco – acervo pessoal

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BRUNA, Paulo Júlio Valentino. *Arquitetura, industrialização e desenvolvimento*. São Paulo: Perspectiva / Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.

EAKIN, Marshall C. *British enterprise In Brazil: The St. John d'el Rey Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960*. Durham and London: Duke University Press, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GRAHAN, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil - 1850/1914*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MELLO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.

WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. London-Boston: 1830-1831